



**INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

***Por que remar contra a corrente?
Motivações e expectativas profissionais dos
estudantes de licenciatura da Geografia da UFRGS.***

Trabalho de Graduação em Geografia

Felipe Velho Azevedo Costa

Porto Alegre, dezembro de 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

***Por que remar contra a corrente?
Motivações e expectativas profissionais dos
estudantes de licenciatura da Geografia da UFRGS.***

Felipe Velho Azevedo Costa

Trabalho de graduação em geografia elaborado sob orientação do Prof. Dr. Nestor André Kaercher, e co-orientação do Prof. Dr. Nelson Gruber, apresentado no Departamento de Geografia da UFRGS como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Nelson Rego

Profa. Dra. Ivaine Tonini

Porto Alegre, dezembro de 2010.

*Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a
pisar.*

(Antonio Machado)

Agradecimentos

É interessante como o ser humano, após algum tipo de conquista, se coloca a fazer algo que raramente faz: reconhecer a ajuda dos outros e agradecer por isso. Será que sem conquistas e, por conseqüência, sem discursos de agradecimento, o papel de todos os que nos dão suporte seria reconhecido? Por que, então, não o fazemos durante a árdua caminhada? Será mesmo que valorizaríamos a ajuda de todos se não atingíssemos o nosso objetivo?

Gostaria de agradecer ao conjunto de fatores que me possibilitou ingressar em uma faculdade e chegar ao seu final. Porém é impossível agradecer ao fator que compõe grande parte da nossa existência: a sorte. Se eu não nascesse na família favorecida social e economicamente, estaria eu na condição de estar formando-me em uma bela universidade?

Agradeço à educação que recebi. Seja ela de berço ou derivada da condição que minha família teve de pagar um bom colégio por tempos.

Agradeço pelos bons e maus exemplos que tive na minha caminhada até então. Todos eles servem de molde à minha personalidade, caso sejam refletidos corretamente.

Agradeço ao meu orientador Nestor pelo papel exemplar de profissional docente e intelectual que exerce. Agradeço-o também pela parceria desenvolvida durante os semestres de prática de ensino e que não foi abandonada este ano

Agradeço ao Professor Gruber pela parceria ao longo dos anos de PET e pelo voto de crédito ao ser co-orientador deste trabalho.

Agradeço a minha mãe pelas sementes plantadas em mim, mesmo nos momentos em que a desapontei. Espero poder fazer jus ao “investimento” e ao investimento que fizestes em mim desde que me conheço por gente, mãe. Te amo.

Agradeço à Flavinha pelo amor, pelo companheirismo e pelo incomensurável apoio diário. És inesquecível, véia.

Mesmo sendo a caminhada às vezes contra a corrente, agradeço a todos que, de uma forma ou outra, trazem sentido e felicidades à minha vida. Enfim, sem citar nomes, agradeço a todos que me fazem, indiretamente, seguir caminhando.

O processo de desanuviamento mental (SANTOS, 2008) em Punta del Diablo foi de um valor inestimável, Jonas e Jero. Obrigado.

Este trabalho é sobre uma temática que sempre me interessou. Por vezes, em disciplinas da graduação e em pesquisas acadêmicas tentei desenvolvê-lo. Nunca tive sucesso por falta de foco e persistência. Entretanto o tempo é a melhor fonte de aprendizado. Ei-lo aqui.

Resumo

A considerável diminuição na procura às licenciaturas ultimamente tem demonstrado a desvalorização dessa área frente à sociedade. No caso da Geografia esse esvaziamento se dá em ritmo acima da média. Vários são os fatores que desestimulam os estudantes a seguir a docência, vindos, paradoxalmente, inclusive de seus professores. Entretanto, o que moveu este trabalho foi a expectativa de conhecer melhor os estudantes que optam pela licenciatura em geografia. A partir das suas expectativas profissionais e suas motivações ao escolherem este curso de graduação, pode-se vislumbrar o lado positivo da docência, as realizações de um professor em sua lida diária. Para conhecer essas expectativas e motivações, foram aplicados questionários aos calouros e aos concluintes do curso de Geografia com ênfase em Licenciatura, somando vinte e três entrevistados. Ao compilar e descrever as respostas das quinze perguntas dos questionários, nos deparamos com seis pontos centrais que representam as motivações e as expectativas dos estudantes em relação a sua futura profissão. São eles: a possibilidade de obter conhecimento e repassá-lo, o exemplo dos bons professores no colégio, a pluralidade de assuntos discutidos na Geografia, o “olhar geográfico” que a ciência propõe, o atrativo mercado de trabalho e os contatos humanos do dia a dia da profissão. Esses fatores foram refletidos de maneira atida com a finalidade de problematizá-los e incitar discussões que nos levassem a compreender melhor esses estudantes que remam contra a corrente.

Palavras-chave: Motivações, Expectativas Profissionais, Licenciatura em Geografia e Docência.

Abstract

Lately, a considerable decrease in demand for a degree in education has shown the devaluation of this area against society. In the case of Geography this phenomenon occurs at a rate above average. There are several factors that discourage students to go into the education field and some of them came, paradoxically, from their teachers. However, what drove this study was the expectation of getting to know the expectations of the students that opted for an undergraduate degree in geography. Based on their professional expectations and motivations in choosing this course, one could envisage the positive side of teaching, the achievements of a teacher in their daily works. To meet these expectations and motivations, questionnaires were given to students coursing the first and the last semester of geography with an emphasis on the education in geography, in a total of twenty-three interviewed. To compile and describe the answers of the fifteen questions of the questionnaires, we came across six key points that represent the motivations and expectations of students regarding their future profession. They are: the possibility to gain knowledge and pass it, the example of good teachers in college, the plurality of topics discussed on geography, "a geographic look" that science offers, the attractive labor market and human contact of the day-to-day of the profession. These factors were reflected in order to problematize them and encourage discussions that would lead us to better understand these students paddling against the current.

Keywords: Motivation, Expectations Professional Degree in Geography and Teaching.

Sumário

| | |
|--|----|
| 1. Introdução | 9 |
| 1.1. Contextualização | 10 |
| 2. Objetivos | 12 |
| 2.1. Objetivo geral | 12 |
| 2.2. Objetivos específicos | 12 |
| 3. Justificativa | 13 |
| 4. Metodologia | 14 |
| 4.1. Planejamento dos questionários | 14 |
| 4.2. Aplicação dos questionários | 14 |
| 4.3. Descrição das respostas obtidas | 15 |
| 4.4. Análise das respostas obtidas | 15 |
| 5. Descrição das respostas | 17 |
| 6. Análises das respostas | 25 |
| 6.1. Ideias secundárias | 25 |
| 6.2. Ideias centrais | 27 |
| 6.2.1. O papel dos bons exemplos de professores na escolha da profissão | 27 |
| 6.2.2. O atrativo mercado de trabalho da geografia | 29 |
| 6.2.3. Obter conhecimento e ensiná-lo a outras pessoas | 31 |
| 6.2.4. O “olhar geográfico”: a maneira de pensar da Geografia | 33 |
| 6.2.5. O retorno dos alunos e os contatos humanos | 34 |
| 6.2.6. A pluralidade de assuntos da disciplina | 34 |
| 7. Conclusões | 36 |
| 8. Referências bibliográficas | 38 |
| Anexo | 40 |

1. INTRODUÇÃO

A Geografia, uma ciência e uma matéria de ensino, se faz presente na vida de muita gente, seja pela ânsia de conhecer o mundo, pelos desafios postos pelo meio ambiente e todas as previsões apocalípticas ou sensatas a esse respeito, pelas exigências do planejamento territorial, pelo turismo, ou simplesmente como tarefas escolares do ensino básico (Callai, 1998).

No entanto, hoje mais do que nunca, a Geografia vê o esvaziamento da sua área voltada para o ensino. É notável o desinteresse dos jovens pela docência tendo em vista a baixa procura às Licenciaturas no Ensino Superior. Segundo pesquisa da Fundação Victor Civita e da Fundação Carlos Chagas de 2008, apenas 2% dos estudantes do terceiro ano do Ensino Médio apontaram a Pedagogia ou alguma Licenciatura como primeira opção de carreira. Esse número se vê ainda menos significativo, e mais preocupante, quando se olha para casos específicos como o da Geografia.

Vestibulares da UFRGS dos últimos 4 anos, apontam que a procura pela graduação em Geografia teve densidade máxima de 5,70 candidatos por vaga (2007 – Noturno), e mínima de 2,67 candidatos por vaga (2009 – Diurno). O curso de Geografia da UFRGS conta hoje com 446 estudantes ao todo. Desses, 168 cursam a ênfase em Licenciatura. Além da diminuta parcela da geografia como opção de curso no Vestibular, a ênfase em licenciatura se mostra minoritária dentro da graduação em geografia.

O interesse inicial dos jovens pela docência parece ser desmobilizado pelas opiniões de pais, amigos e, paradoxalmente, de professores. Porém meu objeto de pesquisa não são os casos que seguiram outros caminhos. Muito menos quais são as suas justificativas para tal escolha. Todos sabemos das imensas dificuldades a que atravessam alguns casos da escola pública, principalmente. Listá-los seria chover no molhado e pouco nos faria refletir sobre o quadro. Me instigam aqueles que persistiram na escolha profissional e os que estão chegando ao fim da formação acadêmica, adentrando o mundo profissional. Esses casos são dignos de investigação.

Quais seriam as motivações desses estudantes ao procurar a geografia, parecendo ser essa uma disciplina decadente econômica e socialmente? E o que esperam do mercado de trabalho que os aguarda? Como encaram o fato de que os profissionais da educação ganham, em média, R\$ 1335,00 por mês?

Há alguma profissão que nos apresente um quadro profissional tão pouco atrativo e ao mesmo tempo ainda tenha a capacidade de ser tão apaixonante? Só posso dizer apaixonante, pois há algo na docência que seduz veladamente. Os motivos para não escolher a carreira de professor são famosos e estão sempre na ponta da língua das pessoas. Acredito que quem escolhe essa profissão já ouviu falar, sem dúvida, dessas agruras. No entanto, será que já ouviu falar das realizações que tem um professor tem no seu cotidiano? Ou essa escolha não é tão pautada em critérios racionais e claros?

1.1. Contextualização

O Quadro dos Cursos de Licenciatura no Brasil

Cada vez menos alunos vêm se interessando pela carreira de professor no Brasil. Isso significa que menos pessoas se formam todos os anos nas Licenciaturas. Entretanto o acesso à educação superior no Brasil está cada vez mais facilitado, tendo hoje aproximadamente 5 milhões de estudantes. Estamos indo na contramão do quadro da educação superior no Brasil.

Em 2007, último dado disponível no Ministério da Educação (MEC), 70.507 brasileiros se formaram em cursos de licenciatura, o que representa 4,5% menos do que no ano anterior. De 2005 a 2006, a redução foi de 9,3%. E a situação é mais complicada em áreas como Letras (queda de 10%) e Geografia (menos 9%).

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) 2007, o rendimento médio da categoria é de R\$ 1.335 mensais. Vê-se aí talvez o principal motivo que afasta as classes sociais mais elevadas das Licenciaturas. Some-se a isso, o fato de que as classes A e B constituem a parcela social de maior acesso ao Ensino Superior. Os baixos salários podem até afugentar as

classes mais altas, mas a garantia de emprego, principalmente em escolas da rede pública, atrai as classes populares. Assim, os filhos da classe média que se desinteressaram pela carreira estão dando lugar aos de famílias das classes C e D. Este fato se reflete em uma mudança no perfil do aluno de universidades públicas e particulares que escolhe o magistério.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

O presente trabalho tem por objetivo conhecer e refletir sobre as motivações e as expectativas profissionais que levam os estudantes de Licenciatura em Geografia da UFRGS a escolherem essa graduação.

2.2. Objetivos Específicos

- Conhecer as principais dificuldades apontadas pelos estudantes de licenciatura em Geografia sobre a sua futura profissão;
- Analisar as dificuldades da profissão que os concluintes se depararam após o estágio em licenciatura;
- Avaliar a reação de familiares e amigos frente à escolha do curso pelos estudantes entrevistados;
- Entender, à luz das opiniões dos estudantes, o porquê dos maus exemplos de professor nas escolas;
- Investigar as possíveis diferenças de motivação entre estudantes calouros e concluintes ao escolherem o curso.

3. JUSTIFICATIVA

As questões que me levaram a seguir essa temática de pesquisa neste Trabalho de Graduação não são meras curiosidades. São resultados das minhas reflexões acerca da docência durante e após os estágios obrigatórios de final de curso da Licenciatura. O caráter humano da profissão e o quadro da escola pública que tive a oportunidade de vivenciar, certamente me cativaram e fizeram pensar sobre o futuro dessa profissão. Futuro esse que dependerá diretamente do futuro da educação. Mas quem é (são) o futuro da profissão? Porque são? Essa é a questão primordial que move esse trabalho de investigação.

Também acredito ser essa uma temática habitualmente pouco seguida em trabalhos como o que aqui se apresenta. Essa escassez de bibliografia se limita, muitas vezes, a listar os motivos que desviam os estudantes da carreira docente. Não leva-se em conta, todavia, os motivos que fizeram com que eles enveredassem pelo caminho da docência apesar da correnteza ser contra. Tal carência de estudo ligada aos estudantes de licenciatura pode ser vinculada à desvalorização, ou rareamento, de pesquisas na área de educação. Viso, portanto, com essa pesquisa, olhar para uma parte não tão notada e valorizada no mundo acadêmico.

Espera-se que as reflexões aqui apresentadas possam servir, no mínimo, de incentivo e inspiração para outros trabalhos nesta temática. Creio que dessa forma o eixo do ensino de geografia e seus afluentes tenderiam a ganhar espaço na discussão dentro da academia. Podendo, assim, o curso de Geografia da UFRGS também ter mais ferramentas para a discussão e construção dos seus objetivos na formação de professores.

4. METODOLOGIA

De forma a cumprir os objetivos propostos, este trabalho foi dividido em etapas e processos distintos, porém complementares, abrangendo os itens abaixo descritos:

4.1. Planejamento dos questionários

O questionário foi planejado e desenvolvido de acordo com os objetivos delimitados por este trabalho. Todas as perguntas apresentadas eram discursivas, o que dificultou na hora de compilar as informações, mas agregou em qualidade de informação na fase da análise dos resultados.

4.2. Aplicação dos questionários

As amostras escolhidas para a aplicação dos questionários foram os calouros e os concluintes do curso de Licenciatura em Geografia na UFRGS. Estes foram definidos exatamente por estarem em momentos diametralmente opostos da sua formação. O primeiro grupo de entrevistados foi aprovado no Concurso Vestibular 2010 para o segundo semestre e ao todo somavam oito alunos. Sendo esses, então, do curso noturno da Geografia. Quando realizada a entrevista com a turma de calouros da Licenciatura em 17 de Agosto de 2010, estavam na sua segunda semana de aulas na Universidade.

Já os concluintes não eram uma turma homogênea no ingresso ao curso. Entretanto todos, caso fossem aprovados nas disciplinas do semestre de 2010/2, estariam aptos a colar grau. Todos os quinze alunos entrevistados cursavam a segunda disciplina de estágio docente em geografia. Ou seja, já tinham alguma experiência e próprias impressões do cotidiano da docência. A intenção era exatamente essa ao definir essa amostra: tentar visualizar as diferenças de motivações, anseios profissionais e opiniões entre grupos em fases distintas da formação.

Os questionários foram efetuados sem grandes diferenciações para cada um dos grupos. Ambos continham treze perguntas iguais e o questionário dos concluintes possuía duas questões a mais.

A discrepância entre o número de entrevistados em cada grupo se deve única e exclusivamente ao número de presentes na aula que me foi cedido espaço para a entrevista. O primeiro grupo foi entrevistado na disciplina de Geografia Humana – A, enquanto as entrevistas do segundo grupo ocorreram na disciplina de Estágio Docente II.

4.3. Descrição das respostas obtidas

Nesse momento da execução do projeto foi necessário compilar todas as respostas obtidas. A descrição dos resultados foi feita de maneira a agrupar as respostas afins. Nem todas as respostas, claro, puderam ser agrupadas. Para cada pergunta foi formado um quadro de ocorrência desses grupos de respostas. A partir destes quadros, e visando uma melhor apresentação dos dados obtidos, foi desenvolvido um texto para cada uma das perguntas do questionário.

4.4. Análise das respostas obtidas

Após a descrição dos dados obtidos em cada pergunta do questionário, foi realizada a análise das principais ideias recorrentes na descrição. Nosso objetivo central sempre foi conhecer e refletir sobre as expectativas profissionais e as motivações que levaram os estudantes a escolherem a graduação de Licenciatura em Geografia. Para isso, visando a melhor inteligibilidade das análises, dividimo-las em dois capítulos: um para os seis (6) pontos principais a serem analisados - referentes às motivações e anseios profissionais dos estudantes - e outro para as demais reflexões que os resultados nos apontaram como, por exemplo, os principais problemas relacionados à docência. Isso ocorreu por que o questionário nos aponta um pouco mais que apenas motivações e expectativas: ele versa sobre os problemas da profissão, o imaginário do arquétipo de um professor de

geografia, a reação dos outros frente a essa escolha profissional, entre outros fatores. Isso significa que buscamos conhecer um pouco mais do que as motivações e expectativas dos estudantes para compor o quadro do trabalho. Entretanto, para fins de reflexão e análise mais aprofundada, apenas as motivações e expectativas profissionais serão escolhidas.

São elas:

- o papel dos bons exemplos de professor na escolha do curso;
- o interesse no “atraente” mercado de trabalho;
- o “olhar geográfico”, ou seja, a maneira de pensar da Geografia;
- a pluralidade de assuntos da disciplina;
- o retorno dos alunos e contatos humanos;
- obter conhecimento e ensiná-lo a outras pessoas

5. DESCRIÇÃO DAS RESPOSTAS

Para fins de organização, as respostas dadas pelos entrevistados foram “enquadradas” dentro de um grupo. Isto foi feito para cada uma das quinze perguntas aplicadas. No entanto, nem todas as respostas foram passíveis de enquadramento fácil, pois tais grupos foram formados apenas por ideias similares. Alguns estudantes, eventualmente, deixaram alguma questão em branco ou responderam algo fugindo do assunto perguntado. Esse é o motivo de nem todas as perguntas terem o mesmo número de respostas. Nem todas as respostas foram agrupadas procurando um padrão que demonstrasse a unidade de opiniões. Pelo contrário, houve questões que se caracterizaram exatamente pela diversidade de seu conteúdo.

Pergunta 1. *Porque você escolheu um curso de Licenciatura? Por que você escolheu a Geografia?*

Ao serem perguntados do por quê da escolha do curso de licenciatura em geografia, quatro dos quinze concluintes entrevistados colocaram que o gosto por ensinar e transmitir conhecimento foi o principal motivo. Três alunos justificaram sua escolha baseados no fato de que tiveram bons professores ao longo da trajetória escolar, enquanto outros três citaram o atrativo mercado de trabalho como motivo da escolha. Dois estudantes mencionaram que a transformação social através da educação foi o fator que pesou na hora da escolha.

Bem menos coesos nas respostas, os calouros divergiram mais na hora de vindicar as suas escolhas. Dois justificaram a sua escolha pela tradição de sua família na docência e outros dois colocaram o gosto por ensinar como principal motivo. A visão crítica que a geografia tem da sociedade, a transformação social através da educação, e bons professores na escola foram outras respostas obtidas.

Pergunta 2. *Cite sua principal motivação ao escolher o curso.*

Sendo essa uma pergunta demasiado ampla, as respostas obtidas variaram bastante. Dos quinze concluintes entrevistados, quatro apontaram que a principal motivação ao escolher o curso foi o “olhar geográfico”, a maneira de pensar a sociedade que a geografia apresenta. Outra ocorrência importante de se assinalar foi que três pessoas disseram que sua principal motivação foi a experiência com bons professores de geografia. Duas respostas apontaram que a geografia oportuniza trabalhar cidadania com os alunos e isso os motivou na escolha. Seis classes de respostas tiveram uma ocorrência, entre elas o atraente mercado de trabalho, o fácil ingresso no vestibular e a abrangência do curso.

Nos questionários respondidos pelos calouros, as respostas foram ainda mais divergentes. Dois alunos citaram que o fato da geografia ser uma área abrangente de conhecimento foi o principal fator de motivação na sua escolha. As outras seis respostas foram diversas e inagrupáveis: a valorização do professor no futuro, a curiosidade pelos processos físicos da Terra e a possibilidade de trabalhar conteúdos que sejam relacionados ao cotidiano foram algumas respostas obtidas.

Pergunta 3. *Foi difícil escolher o curso de graduação?*

Do total dos quinze veteranos entrevistados, seis disseram que não foi difícil a escolha, enquanto cinco colocaram ter tido um pouco de dúvida na hora da escolha. Já os quatro restantes disseram que sim, foi difícil escolher a licenciatura em geografia na UFRGS em detrimento de outros cursos.

Já entre os calouros, cinco dos oito alunos mencionaram não terem passado dificuldade ou dúvida para escolher o curso, enquanto duas disseram ter sido difícil a escolha.

Pergunta 4. *Qual o principal atrativo na escolha?*

Perguntados sobre qual o principal atrativo na escolha do curso de graduação, seis dos quinze concluintes entrevistados apontaram o gosto pela disciplina como fator preponderante, enquanto dois colocaram que o principal atrativo foi o acesso facilitado ao mercado de trabalho. A possibilidade de aprendizado com o conhecimento da geografia foi citada duas vezes. A conscientização de alunos e a possibilidade de pensar sobre problemas do cotidiano apareceram uma vez cada.

Dos ingressantes no curso, três dos oito alunos responderam que o principal atrativo na escolha do curso é o conhecimento e debate sobre as questões ambientais.

Pergunta 5. *Qual é, na sua visão, a principal dificuldade relacionada à sua futura profissão?*

Na opinião de quatro dos quinze concluintes, os baixos salários foram apontados como sendo a principal dificuldade. Para o restante dos alunos elementos como a desvalorização da geografia, do professor, a concorrência profissional, a dificuldade em ser um bom professor e a desmotivação com as dificuldades generalizadas foram os principais fatos apontados como dificuldades relacionadas à profissão.

Os calouros também pintaram o quadro com baixos salários em primeiro lugar. Depois deste, a desvalorização dos professores, a concorrência e a dificuldade em ser um bom profissional também apareceram nas respostas.

Pergunta 6. *Qual a melhor coisa relacionada à docência?*

Foi praticamente consenso entre os veteranos do curso de geografia que o retorno dos alunos e o contato constante com pessoas são as melhores coisas relacionadas à docência. Somadas, essas duas opiniões supracitadas foram ditas por doze dos quinze alunos entrevistados. Para dois concluintes a busca por uma sociedade melhor e mais justa é a melhor coisa que há na docência.

Já os calouros foram ainda mais coesos nas respostas. As sete respostas obtidas ficaram entre os itens: passar e receber conhecimento, relações humanas e formação de alunos. Todos esses fatores humanos e não-exatos da carreira de professor, com destaque para o quesito passar e receber conhecimento.

Pergunta 7. *Qual a sua expectativa em relação ao mercado de trabalho?*

As respostas dessa pergunta permitiram conhecer as expectativas dos estudantes em relação ao mercado de trabalho que se inserirão, questão fundamental neste trabalho. Dentre os veteranos ficou evidente que há uma boa expectativa em relação ao acesso no mercado de trabalho. Oito dos quatorze alunos que responderam a esta pergunta crêem que o mercado é acolhedor. Dois também responderam que o mercado é acolhedor, porém paga mal. Ou seja, dez estudantes acreditam numa tranqüila inserção profissional. Já dois colocaram que vêem o mercado de trabalho do professor de geografia bem concorrido.

Quando perguntados sobre as expectativas em relação ao mercado de trabalho, apenas um estudante dos sete que responderam a esta questão se mostrou preocupado com a remuneração, apesar de ser tranqüilo o acesso ao emprego. Os outros seis alunos demonstraram sua boa expectativa em relação ao mercado de trabalho dizendo que esperam se integrar ao nexo da educação privada; que irão buscar uma boa colocação profissional; que a tendência é que o mercado de trabalho docente melhore no futuro, entre outras respostas.

Pergunta 8. *As dificuldades que você imaginava que a profissão tinha quando escolheu o curso são as mesmas de hoje em dia?*

Aplicada somente aos concluintes, essa pergunta se propôs a avaliar as dificuldades profissionais que os estudantes têm após toda a caminhada do curso. Oito dos catorze veteranos que responderam a esta pergunta colocaram que as dificuldades não são as mesmas do início do curso. Dentre as dificuldades visualizadas ao longo do curso e após a experiência do estágio no

Ensino Fundamental, fatores como a profissão ser estressante no cotidiano, ser mais difícil ser professor do que o antes imaginado e como motivar os alunos foram os aspectos que preponderaram nas respostas. No entanto, cinco alunos disseram que as dificuldades são as mesmas, pois os salários e a falta de reconhecimento profissional ainda são ponto presente no cotidiano profissional de um professor.

Pergunta 9. *Se fosse escolher hoje, escolheria a mesma profissão?*

Destinada exclusivamente aos concluintes do curso, esta questão pretendeu avaliar se eles, nessa etapa final de curso, após conhecerem um pouco de tudo que a geografia oferece, ainda a veriam como primeira opção se fossem escolher hoje. Nove dos catorze alunos responderam que sim, escolheriam de novo a mesma profissão. No entanto, três veteranos disseram que não escolheriam a docência em geografia de novo. As justificativas dessas respostas mencionavam ter descoberto o gosto por outras áreas do conhecimento ao longo do curso.

Pergunta 10. *O que te seduz na profissão?*

Quando perguntados sobre o que os seduz na profissão de professor de geografia, quatro dos treze alunos que responderam a esta questão apontaram que a formação de alunos é o fator que mais os seduz. A ampla gama de conhecimento que a profissão oferece e as relações humanas que a docência proporciona no dia a dia com os alunos foram citadas três vezes cada uma. A capacidade de ensinar e aprender que a profissão oferece foi mencionada por dois alunos.

Com 3 respostas das 8 obtidas, a possibilidade de obter conhecimento e ensiná-lo a outras pessoas foi a questão mais apontada pelos estudantes calouros. Com 2 ocorrências, a possibilidade de obter conhecimento foi seguida pelas relações humanas que a docência coloca, pela possibilidade de ensinar outras pessoas e pela cultura geral que se aprenderá na faculdade.

Pergunta 11. *Você a indicaria para alguém? Por que?*

Dos catorze veteranos que responderam a esta pergunta, somente três deles não indicariam a docência para outras pessoas. Essas explicaram, geralmente, que cada pessoa deve saber das suas habilidades e preferências. Entretanto dez estudantes colocaram que sim, indicariam a sua profissão para outros, demonstrando, nas respostas dadas, valorizar e se orgulhar do curso escolhido.

Dentre os calouros, os números são ainda mais contundentes. Todos os entrevistados disseram que indicariam, sim, a docência.

Pergunta 12. *Você pretende dar aula ou está aberto a outras possibilidades?*

Quatro dos concluintes entrevistados responderam que darão aula com certeza enquanto dez deles não descartam outras possibilidades. Maioria essa que admite rumar a outro ramo profissional se as condições de trabalho e salário não forem as aspiradas.

Já entre os calouros, cinco deles apontaram estar abertos a outras possibilidades de carreira. Outros dois refutaram outras possibilidades e um deles admite que, com certeza, não quer a docência como profissão.

Pergunta 13. *Quando você pensa em um Professor de Geografia, o que vêm à sua cabeça?*

Três dos onze concluintes que responderam a esta questão disseram que pensam em alguém que ensina de modo diferente. Exemplificaram colocando que esse, para tal didática, se vale de exemplos do cotidiano e de aulas criativas para seduzir os alunos. Dois estudantes apontaram que a imagem que lhes vem à cabeça é a do estereótipo do professor de geografia: alguém carregando mapas, atarefado e com uma visão diferente do mundo. Outro veterano afirmou que pensa no professor de geografia como uma pessoa engajada em sua prática, que não descola a sociedade da sala de aula e vê o mundo com interesse.

Entre os calouros, dois tipos de respostas se sobressaíram. Três estudantes disseram que pensam no professor de geografia como alguém com uma visão própria de mundo, atualizado e de ampla visão dos fatos. Outros três colocam o professor como uma pessoa engajada na sua prática que transmite valores e criticidade aos alunos. Um aluno apontou que pensa num professor de pré-vestibular, engraçado e articulado.

Pergunta 14. *Se a docência requer paixão, porque existem tantos maus exemplos de professores nos colégios?*

Das catorze respostas obtidas nos questionários aplicados aos concluintes do curso, onze apontaram a falta de vocação e a desmotivação como fatores que explicam os maus exemplos de professores nos colégios. A desmotivação foi explicada por de uma série de fatores tais como os rumos da educação brasileira, os baixos salários e a desvalorização frente à sociedade. Já dentre os alunos que citaram a falta de vocação para explicar os maus professores alguns citaram que a docência muitas vezes é a segunda opção profissional, fazendo com que alguns profissionais rumem à docência mais por falta de opção do que por vocação.

Tendo em vista as sete respostas obtidas frente aos calouros do curso, a desmotivação aparece como a principal razão para os exemplos deletérios de professores que conhecemos. É interessante notar que dois estudantes colocaram que são as práticas retrógradas e ligadas à educação tradicional as explicações para os maus professores existentes.

Pergunta 15. *Qual a relação dos seus familiares e amigos quando escolhestes o curso?*

Dentre os catorze concluintes do curso que responderam a esta questão, oito deles disseram que os pais deram apoio e os amigos agiram com indiferença. Outros cinco estudantes apontaram que pais e amigos agiram com descrédito, desconfiança. Apenas um aluno disse ter recebido apoio total em relação à escolha profissional.

As respostas dos calouros ficaram divididas entre o apoio de alguns com a desconfiança de outros e o apoio total. Se somados esses dois grupos, representam sete de oito respostas. Só um alegou ter sido recebido com descrédito após a notícia da sua escolha.

6. ANÁLISES DAS RESPOSTAS

Ao longo do questionário, pudemos observar nas respostas dos entrevistados várias ideias passíveis de reflexão. Para este capítulo, que se propõe a analisar mais livremente todas as questões apontadas, dividimos as análises em dois grupos.

No primeiro grupo, foram analisadas, mais sucintamente, as ideias consideradas secundárias no trabalho, mas que atendem aos objetivos específicos propostos.

No segundo grupo, nos preocupamos em debater de maneira mais aprofundada as respostas das seis perguntas mais relevantes para o objetivo principal deste trabalho: as que versam sobre as motivações e as expectativas profissionais dos entrevistados.

Cabe salientar que, apesar de todas as perguntas terem sido descritas no capítulo anterior, nem todas foram selecionadas ou tiveram as suas ideias analisadas neste capítulo. Isto ocorreu, simplesmente, por que a nossa análise não levantou questionamentos ou conclusões relevantes a partir das respostas.

6.1. Ideias secundárias

Ao repararmos nas respostas da pergunta 5 – sobre a principal dificuldade da futura profissão - notamos que as dificuldades citadas pelos entrevistados compõem um quadro extenso, não muito atrativo, mas que parece ser bem consciente das dificuldades da carreira. Uma pena a lista de dificuldades ser muito mais diversificada do que a de atrativos profissionais. Já entre os calouros, tendo esse grupo, teoricamente, menos experiência e conhecimento da profissão, é interessante comprovar que as dificuldades apontadas pelos diferentes grupos de entrevistados convergem. Ou seja, os iniciantes já estão cientes das dificuldades que permeiam a sua futura vida profissional. O que é um bom sinal, pois demonstra maturidade e conhecimento por parte de quem recém ingressou no curso.

Na questão oito, que perguntava somente aos veteranos se as dificuldades que eles imaginavam antes de escolher o curso são as mesmas de hoje em dia, foi lugar comum a resposta apontando que a profissão se mostra bem mais difícil e estressante que o imaginado anteriormente. Não há quem nunca tenha tido uma visão romântica da educação. Todos nos deparamos na prática com uma realidade que difere diametralmente do que imaginávamos. Uma preparação de aula sempre é baseada em uma aula ideal. Idealizamos alunos, reações, respostas e comportamentos. Não há, então, como negar a resposta apontada pelos concluintes: a docência é mais difícil e estressante do que o imaginado. Quem opta por uma profissão que tem certeza ser difícil e estressante?

Perguntados na questão nove se escolheriam o mesmo curso, caso pudessem escolher hoje, nove estudantes entre catorze disseram que não trocariam a sua escolha. Ou seja, não se arrependem da escolha e, pelo contrário, ainda a fariam de novo. Gostaria de destacar que mesmo que as pessoas escolham cedo as suas profissões, o grupo que escolhe geografia parece ser bastante certo de sua preferência. Quem gosta de geografia e pretende segui-la na sua carreira profissional, normalmente não demora muito para se encontrar na hora de decidir o curso. Afinal de contas, tiveram contato obrigatoriamente com a disciplina nos anos escolares. O pequeno número de “arrependidos” por parte dos estudantes me permite concluir que escolher cedo (ou jovem) o curso a seguir não significa que a escolha seja ruim ou imatura

Na questão catorze, quando perguntados por que existem tantos maus exemplos de professores nos colégios, notamos que, na opinião dos concluintes, já há uma parte da receita de insucesso na carreira: falta de vocação e desmotivação. Resta saber como eles vão lidar com essas duas pedras no sapato iminentes a quem é docente. Levando em conta a maioria das respostas dos calouros notamos que há um certo consenso entre estes e os veteranos na explicação aos insatisfatórios professores. Ambos colocam que a falta de motivação é evidente. Não se limitam a isso, dão as razões que levam à desmotivação docente. Conhecem-nas muito bem, desde agora. Estão cientes das dificuldades, mas o que farão para não cair nessa cilada armada há tanto tempo? Se tantos têm claras as causas da desmotivação na docência e

as apontam como vilãs na carreira profissional, conseguirão fugir desse discurso comum ao entrarem na prática? Como manter acesa a chama da motivação após quinze ou vinte anos de carreira? A pergunta é contundente, mas não é o meu objetivo respondê-la, uma vez que cada um de nós deve buscar suas respostas e motivações de acordo com suas experiências e preferências.

Quando perguntados, na questão quinze, sobre a reação dos amigos e familiares perante a sua escolha profissional, as respostas apontam que geralmente os familiares dão suporte à escolha de um filho. Não é um número desprezível, uma vez que a fama do curso de Geografia é de ser bem pior recebido frente às famílias. Conclui-se que a fama que a Geografia tem de ser mal recebida frente às famílias é mítica, errada. Não condiz com grande parte das respostas aqui obtidas. No entanto, não se pode desvincular o fato do perfil socioeconômico dos estudantes de licenciaturas em geral estar mudando no país inteiro. Para um pai de classe C ou D, muitas vezes sem curso superior, o fato de o filho frequentar uma universidade e se tornar professor é amplamente favorável. Foi notável, também, que entre os calouros, a aceitação de família e amigos é bem maior. É possível presumir que essa maior aceitação por parte da sociedade em geral deriva de uma mudança de mentalidade e imaginário com relação à geografia. Mas o que faz a opinião da sociedade mudar, neste caso? Dentre várias possibilidades saliento o paradigma ambiental que vivemos. A questão do desenvolvimento sustentável que povoa o imaginário da população é pauta da nossa disciplina. Cabe perguntar: estaria a Geografia tendo uma melhor visibilidade e maior aceitação frente à sociedade? É provável que sim, mas é a atuação competente dos profissionais já formados que vai legitimar frente à sociedade a aceitação da classe profissional. Esta hipótese, todavia, é difícil de ser comprovada. Quatro anos e meio, tempo que separa as turmas entrevistadas, é pouco para uma mudança tão expressiva. Entretanto é inegável que o quadro é mais favorável hoje em dia.

6.2. Ideias centrais

6.2.1. O papel dos bons exemplos de professores na escolha da profissão

Callai coloca que é fundamental que se consiga transformar a geografia em algo vivo, que diga respeito ao mundo real, que não sejam questões estranhas e distantes no sentido de não se perceber que sejam da vida, da sociedade concreta. Penso que seja exatamente isso que um bom professor de geografia faça: aproximar a realidade vivida pelos estudantes daquilo que está pautado para ser estudado. Não descolar o mundo fora de aula, do mundo da aula. Segundo Paulo Freire, a escola não é um lugar “sagrado” onde apenas se estuda e estudar nada tem que ver com o que se passa no mundo lá fora.

Um professor que fascina, que ensina, que deixa signos, marcas nos alunos, planta sementes para serem colhidas com paciência. Muitos foram os estudantes entrevistados por esta pesquisa que vindicaram a sua escolha profissional pelo bom exemplo de professores no Ensino Fundamental e no Médio. Um professor que incita à reflexão traz perguntas, angústias e dúvidas, ao invés de dar respostas prontas, plantando, assim, sementes nos seus alunos. Não lhe trazer apenas respostas ou a paz, pelo contrário, multiplicar-lhe as perguntas, diz Karcher. Um professor fascinante de geografia é alguém capaz de conduzir seus alunos numa viagem sem sair do lugar, pois a escola como um todo, nos seus vários níveis, tem permanecido estacionária, enclausurada nos seus saberes e afazeres rotineiros (Callai, 2003).

Acredito, todavia, que não seja uma tarefa simples se desvincular do tipo de educação que tivemos ao longo da nossa trajetória quando vamos lecionar. Nos criamos, majoritariamente, tendo aulas expositivas que pouco versavam com o mundo que vivemos fora daquelas quatro paredes. Compactuo com a angústia de Kaercher: mas será que basta meu discurso para remover mais de, pelo menos, 15 anos de relações verticais (a tal de “deformação”) entre professores e alunos? Professores que fugiram dessa sina nos marcaram positivamente, como diz esta caloura de 23 anos: *“me apaixonei após ter tido aula com um professor muito competente que fez despertar a admiração pela disciplina a ponto de levar isso como profissão”*.

Inclusive nas universidades, onde fervilham ideias e concepções pedagógicas alternativas, reinam as aulas monologadas e expositivas e narradas. Aulas essas que se enquadram na concepção bancária da educação que Paulo Freire nos legou:

A narração de que o educador é sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrada. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador ele será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (FREIRE, 2005, p.65)

Outro ponto que representa mais um desafio na nossa prática até tornarmos-nos, de fato, professores que fazem a diferença na vida de nossos alunos é a busca constante da geografia como ciência: dar conta de explicar este mundo a cada dia mais complexo e mais conhecido. Ou seja, com um volume cada vez maior de informações colocadas à disposição de mais pessoas. Muito embora seja assim, se torna cada vez mais difícil ser analisado e compreendido (Callai, 1998).

Mas como, frente a esse quadro dinâmico e complexo – o espaço - que a geografia se propõe a refletir, abordá-lo, incuti-lo em nossas aulas? Sendo o espaço geográfico prenhe de nossas intencionalidades históricas e sociais, ou seja, carregado de significados e marcas, é urgente que nos coloquemos a olhá-lo de maneira menos ingênua e mais interessada. O homem faz seu espaço diariamente e nem por isso acha que está fazendo Geografia. Muito menos se põe a pensar sobre ele (Kaercher, 2003, p.66).

6.2.2. O atrativo mercado de trabalho da geografia

Em muitas respostas dos dois grupos de entrevistados, o mercado de trabalho para o docente de geografia foi citado como um atrativo na hora da escolha profissional. Porém de onde saiu essa crença? Falamos do nexo privado? Observa Kaercher que:

Na iniciativa privada o mar não é dos mais calmos. Demissões podem vir a qualquer hora, seja porque a clientela diminuiu, seja porque não houve compatibilidade entre você e a direção, seja porque lhe demitiram porque...lhe demitiram! Desde quando

patrão precisou justificar demissões? Aliás, na eventualidade de um conflito entre professor e alunos, há também a tendência pedagógica de defenestrar o professor, afinal ele é “despesa”, “custo”, para a instituição, enquanto os alunos são “receita”. (KAERCHER, 2000. p. 85)

Nota-se em determinados momentos do questionário, o sentimento paradoxal e ambivalente das respostas. O mercado de trabalho é acolhedor, entretanto é famigeradamente mau remunerador. Ou seja, o fator mercado de trabalho poderia tranquilamente ser analisado do ponto de vista negativo (má remuneração) aqui, caso fosse essa a tônica do trabalho. Todavia, o mercado de trabalho foi listado como um ponto positivo, uma expectativa profissional boa entre os estudantes. Em ambos os grupos entrevistados, foram dadas respostas que falavam que a geografia tem fama de ser uma área com vasto mercado nas escolas. E essa fama não é de hoje que escutamos. Onde estão os professores de geografia? São poucos os que se formam ou muitos são os que não exercem a carreira?

Callai comenta sobre a formação, o acesso e a permanência no mercado de trabalho:

A dimensão pedagógica deve ser dada numa perspectiva, buscando, pois, a formação de um profissional que não pode prescindir de valores éticos e morais, os quais juntamente com a competência técnica vão dar aos vários sujeitos a sua diferenciação no acesso ao mercado de trabalho e na sua permanência. (CALLAI, 2003. p.35)

Alguns entrevistados disseram ter escolhido a Geografia em detrimento da História por conta do maior mercado de trabalho. O mercado de trabalho para o geógrafo bacharel é maior do que o do historiador bacharel. Logo, a maioria dos formados em História ruma para a docência, tornando o seu campo de trabalho bem mais concorrido.

Ao reparar na questão do mercado de trabalho e “cruzá-las” com as respostas da pergunta doze do questionário – Você pretende dar aula ou está aberto(a) a outras possibilidades? – noto que com melhores possibilidades de

ganhos, é provável que muitos profissionais rumem para outras áreas. Se tratando de uma mão de obra qualificada, com certeza haverá prejuízo para a educação. Ao buscar em outra área melhores condições de salário, desperdiçamos a formação de qualidade que se investe nesses profissionais ao longo de anos. Não exercendo a docência, a tendência é que sejam substituídos no mercado de trabalho por outros não tão qualificados. Será que a educação pode perder sistematicamente alguns de seus melhores profissionais para outras áreas e contar, cada vez mais, com os menos qualificados?

6.2.3. Obter conhecimento e ensiná-lo a outras pessoas

Começo citando Kaercher:

O processo educativo é, intrinsecamente, político. Opções são feitas cotidianamente. Mais ou menos conscientemente, todos os professores veiculam, junto com seus conhecimentos, valores e ideologias. (KAERCHER, 2003, p.47)

A motivação de obter conhecimento e ensiná-lo a outras pessoas foi citada em vários questionários de entrevista. É legítimo e correto o anseio de na faculdade obter conhecimento. Por sinal, não há lugar mais correto para isso. Ensiná-lo a outras pessoas, um dos papéis do educador, é mais do que coerente com a formação de licenciado. Apenas chamo a atenção de que o conteúdo, ao ser trabalhado com um fim em si próprio esvazia de sentido a educação para os alunos. Helena Callai segue:

Cabe então a pergunta o que fazer com o conteúdo? Colocá-lo no seu devido lugar, que é de ser simplesmente um instrumento para alcançar alguma coisa que está à frente. Ao ser um instrumento ele deve estar a serviço e não ser a finalidade do estudo e da aprendizagem. (CALLAI, 2003, p.76)

Quero problematizar a afirmação central deste capítulo, pois que conhecimento é esse que os estudantes querem obter? Ensiná-lo significa simplesmente repassá-lo ou inserir-lo em um contexto educacional? Educar entendemos que seja criar as condições, instrumentalizar pessoas para que tenham acesso concretamente à sua cidadania e ao exercício dela (Callai, 2003, p.34). Com a palavra, um entrevistado de 24 anos, concluinte do curso de Geografia: *“a minha motivação foi trabalhar cidadania com os estudantes a partir de assuntos referentes à disciplina”*.

Rego me ajuda a problematizar: *“para que tantas informações se não é exercitado o pensamento sobre o que é possível fazer com elas?”*, *“o que, da escola, levarei para a minha trajetória no mundo?”*. Considero, dentro da minha prática, que uma geografia meramente informativa é de pouca utilidade.

Kaercher me ajuda a discorrer:

A geografia é um pretexto para pensarmos nossa existência, uma forma de “lerpensar” filosoficamente as coisas e as relações e influências que elas têm no nosso dia a dia, porque “olhar as coisas” implica pensar no que os seres humanos pensam delas. (KAERCHER, 2007 p.16)

Por fim, para reflexão dos que, quiçá me lêem e compactuam com a visão de que os conteúdos devem estar a serviço do desenvolvimento de capacidades e habilidades na busca de uma utopia, trago Grossi:

Aqueles que cultuam ideais de liberdade, de igualdades, de fraternidade, para que se tenha justiça e democracia precisam dar-se conta de que o que há de mais injusto e anti-democrático nas escolas não são as relações entre funcionários, nem ausência de participação de todos nas decisões sobre educação, nem tampouco, somente a forma de avaliação. A injustiça mais gritante que assola a escola, hoje, muito particularmente a escola pública, é de não decidir-se e capacitar-se para a produção de conhecimentos libertadores e capazes de gerar sujeitos autônomos, críticos e criativos, especialmente nas classes populares. (GROSSI apud CALLAI, 1993, p.56)

6.2.4. O “olhar geográfico”: a maneira de pensar da Geografia

A maneira de pensar da Geografia, o “olhar geográfico”, demonstrou ser um dos fatores de maior motivação dos estudantes para o ingresso na graduação. Penso que a Geografia, mesmo a escolar, se propõe a questionar o *status quo* e sem dúvida isso interessa aos alunos. Depende de um bom encaminhamento por parte do professor. Mas para isso, várias são as reflexões disponíveis e que apontam belos caminhos a serem seguidos.

Cavalcanti me ajuda com uma perspectiva interessante da Geografia:

Uma das propostas de se conceber a especificidade da Geografia que me parece bastante rica e que encaminha uma outra abordagem de conteúdo nas aulas dessa disciplina é a de que sua perspectiva é a de responder às perguntas: onde e por que nesse lugar? (FOUCHER 1989 apud CAVALCANTI, 1998)

Já Callai (1998, p.56) insere um pouco mais o aluno na sua perspectiva, dizendo que a Geografia é a ciência que estuda, analisa e tenta explicar (conhecer) o espaço produzido pelo homem e, enquanto matéria de ensino, ela permite que o aluno *“se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens”*.

Entretanto acho oportuno problematizar a ideia central deste tópico, a questão do “olhar geográfico”. Alguém entra em uma graduação de Geografia já sabendo que o olhar geográfico permite refletir do ponto de vista espacial a sociedade? A Geografia escolar, por vezes, se limita ao conhecimento enciclopédico. Nomes de países, seus relevos, seus rios, sua população absoluta. Não é a toa que, volta ou outra, pessoas nos interpelem dizendo: tu, que és geógrafo, qual a capital da Lituânia? Como assim não sabe?!

Imagino que poucos devam ser os casos que saem do colégio, pensando que a Geografia possibilita a análise espacial da sociedade. Todavia muitos foram os casos que vindicaram a sua escolha profissional pelo “olhar geográfico” que a ciência propõe. Fica a questão: que olhar é esse a que se

referem os estudantes? Olhar de crítica social como qualquer outra ciência humana ou o olhar da análise social a partir de conceitos eminentemente geográficos como espaço, região, território, paisagem?

6.2.5. O retorno dos alunos e os contatos humanos

Quando perguntados sobre qual a melhor coisa relacionada à docência, os entrevistados, mesmo aqueles que não tiveram experiência profissional ainda, foram uníssonos: o retorno dos alunos e os contatos humanos.

Paulo Freire nos legou que *“mais importante que saber é nunca perder a capacidade de aprender”*. Essa capacidade inerente à profissão docente é chave para uma longevidade intelectual satisfatória na carreira e imprescindível para a construção de uma educação alternativa à que está posta. Onde alunos e professores estão distantes e são estranhos uns para os outros. Conhecer os alunos, as representações sociais e os saberes que trazem é a primeira tarefa do professor de qualquer disciplina (Pontuschka, 1999, p.112).

Não creio que uma pessoa tenha o desejo ser professor(a) simplesmente para transmitir conteúdos e informações. Há que se ter vontade e vocação para o contato diário com crianças-adolescentes em distintos momentos do seu processo de formação. Segundo Kaercher, devemos ter no aluno a nossa maior fonte de motivação para o cotidiano por vezes desgastante. Nessa concepção o aluno deve ser visto como um parceiro e não como um obstáculo à nossa prática.

O professor que aprende ensinando está sempre um passo à frente dos outros. Essa capacidade de aprendizagem contínua requer paixão e reflexão, requisitos que os nossos futuros professores escolares necessitam para a sua satisfação profissional e para quebrar os paradigmas do ensino tradicional.

6.2.6. A pluralidade de assuntos da disciplina

Uma das motivações de estudar Geografia citada por vários estudantes se dá pela pluralidade de assuntos que compõem a disciplina. Sem dúvida, a

gama de possibilidades de discussão e aprendizado é variada. Há autores, porém, que colocam ser esse, exatamente, o problema da Geografia: ela tem uma visão abrangente do mundo e perdeu o foco; fala de tudo e não se aprofunda em nada.

Seria a Geografia uma ciência sem foco? Creio que a ciência geográfica não. Contudo, a Geografia escolar carece, sim, de mais foco. Carece de mais reflexão sobre os seus motivos de ser, caminhando para uma formação mais consciente dos seus objetivos enquanto disciplina escolar.

Esse distanciamento entre as duas partes que compõem a Geografia provavelmente tem a ver com o fato de ela ter sido disciplina escolar antes mesmo de se constituir em campo de investigação científica (Spósito, 2004, p.9).

Refletir sobre o processo de constituição do saber geográfico é saber pensar o espaço geográfico em sua dimensão natural, social e histórica (Carlos, 1999, p. 7). Ao tratar das dimensões natural, social e histórica do espaço geográfico, descortina-se uma possibilidade gigantesca de assuntos e temas a serem desenvolvidos pela Geografia.

Por fim, Cavalcanti me ajuda a desembaralhar as cartas da ciência geográfica e da Geografia escolar e mostra de onde vem a infinidade e a pluralidade de assuntos que a nossa disciplina abrange:

A relação entre uma ciência e a matéria de ensino é complexa; ambas formam uma unidade, mas não são idênticas. A ciência geográfica constitui-se de teorias, conceitos e métodos referentes à problemática de seu objeto de investigação. A matéria de ensino Geografia corresponde ao conjunto de saberes dessa ciência, e de outras que não têm lugar no ensino fundamental e médio como Astronomia, Economia, Geologia, convertidos em conteúdos e procedimentos tidos como necessários à educação geral. (CAVALCANTI, 1998, p.9)

7. CONCLUSÕES

Com este trabalho pretendíamos conhecer e refletir sobre as expectativas profissionais e as motivações que levam os estudantes a cursar a graduação de Licenciatura em Geografia. É preciso dizer que atingimos o nosso objetivo. A partir da aplicação de questionários em estudantes de início e final de curso, vislumbramos seis pontos principais que caracterizam as suas motivações e a expectativas profissionais.

São eles, o papel dos bons exemplos de professor, o interesse no atraente mercado de trabalho, os contatos humanos e o retorno dos alunos, obter conhecimento e ensiná-lo a outras pessoas, a pluralidade de assuntos da disciplina e o “olhar geográfico” ou a maneira de pensar da Geografia.

A partir do momento que conhecemos esses seis pontos centrais, nos propomos a analisá-los e refleti-los de maneira mais ampla, aprofundada e livre. Para isso, valemo-nos de bibliografias e de ideias, experiências e reflexões acumuladas ao longo da caminhada da Licenciatura. Em grande parte das reflexões e análises deste trabalho, procuramos caminhos que o professor e a escola podem trilhar para que os alunos dos diferentes níveis de ensino compreendam o espaço geográfico e ampliem a sua visão de mundo (Pontuschka, 1999, p.111).

O processo de formação de professores deve se dar de maneira continuada, sendo a sua graduação acadêmica apenas o primeiro passo. O professor crítico não se vê pronto como professor, admite o seu inacabamento profissional e o processo contínuo de formação docente. Este trabalho serve também como prova de que as práticas de ensino em Geografia podem servir como objeto de pesquisa.

Paulo Freire colocou que a justificativa da educação é o inacabamento social. É atrás dessa utopia que nós, professores, vamos:

Utópico? Ora, quem estiver contente com o Brasil atual que deixe as utopias de lado e as dê como mortas. Eu não assumi a condição de educador simplesmente para dizer que a “Terra é redonda” ou “Brasília é a capital do Brasil”. Lutar por uma

nova sociedade implica também lutar por uma nova escola.
(KAERCHER, 1999, p. 33).

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLAI, Helena Copetti. A Formação do profissional da Geografia. Ijuí: Unijuí, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). Novos caminhos da geografia. São Paulo: Contexto, 1999.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org). Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, escola e construção de conhecimentos. Campinas: Papyrus, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia e práticas de ensino. Goiânia: Alternativa, 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo, Horton, Myles. O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social. Petrópolis: Vozes, 2003.

KAERCHER, Nestor André. Desafios e utopias no ensino de geografia. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

KAERCHER, Nestor André. Iconoclastia constante na (de)formação de professores de geografia. In: Souza e Zen (orgs). Práticas de ensino na UFRGS: narrando pedagogias. Porto Alegre, 2001.

KAERCHER, Nestor André. Práticas geográficas para lerpensar o mundo, converentendersar com o outro e entederscobrir a si mesmo. In: Rego, Nelson (org). Geografia: Práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MOREIRA, Ruy. O discurso do avesso: para a crítica da geografia que se ensina. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

PONTUSCHKA, Nídia, OLIVEIRA, Ariovaldo (orgs). Geografia em perspectiva: Ensino e Pesquisa. São Paulo: Contexto, 2002.

PONTUSCHKA, Nídia. A geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, Ana Fani. Novos caminhos da geografia. São Paulo: Contexto, 1999.

REGO, Nelson (Org). Geografia, práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SPOSITO, Eliseu Savério. Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: UNESP, 2004.

VIEIRA, Márcia. Menos jovens buscam curso de licenciatura no país. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,menos-jovens-buscam-cursos-de-licenciatura-e-pedagogia-no-pais,379932,0.html>. Data de acesso: 28 de Agosto de 2010.

ANEXO

Questionário e reflexão sobre os licenciandos em geografia e suas expectativas profissionais.

Me chamo Felipe Costa, tenho 23 anos, sou licenciado em Geografia (UFRGS) e estou fazendo o Trabalho de Graduação para o Bacharelado. Os dados deste questionário serão usados no meu trabalho. Ele visa conhecer as motivações e expectativas dos estudantes de licenciatura da Geografia da UFRGS.

As respostas servirão somente para fins de pesquisa. Não há limite de espaço para as respostas. Não é necessário se identificar. Qualquer dúvida, estou à disposição.

Seja sincero.

Obrigado.

- 1) Por que você escolheu um curso de Licenciatura? Por que você escolheu a Geografia?

- 2) Cite sua principal motivação ao escolher o curso.

- 3) Foi difícil escolher o curso de graduação? Por quê?

4) Qual o principal atrativo na escolha?

5) Qual é, na sua visão, a principal dificuldade relacionada à sua futura profissão?

6) Qual a melhor coisa relacionada à docência?

7) Qual é a sua expectativa em relação ao mercado de trabalho?

8) As dificuldades que você imaginava que a profissão tinha quando escolheu o curso são as mesmas de hoje em dia?*

9) Se fosse escolher hoje, escolheria a mesma carreira?*

10) O que te seduz na profissão?

11) Você a indicaria para alguém? Por quê?

12) Você pretende dar aula ou está aberto(a) à outras possibilidades?

13) Quando você pensa em um professor de Geografia, o que vem à sua cabeça?

14) Se a docência requer paixão, porque existem tantos maus exemplos de professores nos colégios?

15) Qual a reação dos seus familiares e amigos quando escolheste o curso?

* Questão destinada apenas aos concluintes.